

## PLANTAS MEDICINAIS E MÁGICAS COMERCIALIZADAS NOS MERCADOS PÚBLICOS DO RECIFE-PE.

Ulysses Paulino de Albuquerque

### INTRODUÇÃO

O emprego de plantas no combate a enfermidades é uma tradição que tem uma longa história, justificando os estudos de medicina popular que cada vez mais têm merecido a atenção de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Paralelo a prática empírico, geralmente vem subjacente todo um sistema de crenças e ritos vinculados ao emprego das plantas que perdem a visão objetiva do botânico; tudo isso articula-se às influências das culturas indígena e africana, que emprestaram ao conhecimento empírico uma visão mágico-religiosa.

Nos últimos anos, a flora útil de Pernambuco tem sido investigada no levantamento das plantas empregadas como fitoterápicos por determinadas comunidades (Silva, 1985; Mariz et al., 1986; Campelo, 1990; Victor & Andrade, 1991). Porém os relatos são esparsos e assistemáticos. Diante da apreciável diversidade de espécies conhecidas e empregadas na medicina popular, os estudos que se realizam em Pernambuco estão ainda na fase exploratória.

Os mercados públicos do Recife-PE, como mantenedores do comércio fitoterápico, abrigam os vendedores de ervas que colaboram para manter e nutrir a medicina popular e os cultos religiosos no suprimento das plantas necessárias à concretização de ritos e preparações medicamentosas contra os males orgânicos ou espirituais. São verdadeiros centros reprodutores dos conceitos e preparos de *folk*.

Em função disso, objetivou-se realizar um levantamento das plantas comercializadas para fins medicinais ou mágico-religiosos nos mercados públicos do Recife numa perspectiva etnobotânica, partindo do princípio da existência de um conhecimento botânico de *folk* e da patente imbricação dos fatores sociais e simbólicos.

## MATERIAL E MÉTODOS

Procedeu-se entrevistas com os vendedores de ervas instalados em três mercados públicos do Recife: no bairro central (São José) e outros na periferia (Água Fria e Madalena), visando informações quanto aos vegetais comercializados. Levou-se em consideração quatro grupos de dados para a caracterização desse comércio:

1. Estados de comercialização das planta (frescas ou secas);
2. Nomes vernaculares em função da diversidade na atribuição das espécies;
3. Procedência fitogeográfica das plantas comercializadas;
4. Utilização das plantas, investigando a integração nos contextos fitoterápico e mágico-religioso.

As espécies postas à venda e/ou citadas pelos informantes foram coletadas, analisadas e identificadas, empregando-se as técnicas usuais em taxonomia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As plantas comercializadas nos mercados públicos do Recife procedem, em sua maioria, da zona da Mata e do Agreste Pernambucano (Tabela 1). Geralmente, as plantas são mantidas frescas pelos vendedores, correspondendo à maneira adequada de consumo.

Outras plantas, como a “aroeira” (*Astronium urundeuva Engl.*), têm seus órgãos, ou parte deles, comercializados secos, como as cascas do caule. Pode acontecer de uma planta que normalmente é vendida fresca ser também comercializada no outro estado (Tabela 1), não em função da necessidade exigida no preparo do medicamento, e sim pelo fato de não ter sido vendida quando ainda fresca, ficando armazenada em caixas ou sobre as lonas das barracas dos erveiros, expostas ao sol.

Verificou-se que os vendedores de ervas instalados nos mercados públicos do Recife possuem todo um arsenal fitoterápico colhido por eles ou, mais comumente, encomendado aos mateiros que geralmente nas terças e quintas-feiras, suprem as barracas com as ervas consagradas pela medicina popular. Sendo uma atividade familiar, nas barracas alternam-se pais, filhos, cunhados e noras que mantêm o comércio diariamente. Contudo o conhecimento fitoterápico de *folk* é fragmentado e reprodutor na sua

generalidade. Isso equivale a dizer que os vendedores de ervas possuem pouco domínio do produto vegetal comercializado, pois só alguns podem ser considerados verdadeiros “erveiros”, por conhecerem a natureza e aplicação de suas ervas. Isto decorre do pouco interesse manifestado pelos jovens vendedores em relação a essa atividade, que representa apenas uma fonte de renda adicional ou, algumas vezes, permanente. De um lado, deve-se considerar um aspecto de maior abrangência, indicado no próprio discurso dos vendedores, que dizem obter as informações dos mateiros que funcionam como os atravessadores no comércio. Neste caso, estes podem ser considerados os “geradores” ou a fonte primeira do conhecimento empírico fitoterápico. Por outro lado, como ressalta Camargo (1975), a medicina popular como fenômeno folclórico, sofre influência de meios intelectualizados e de comunicação, o que determina, com o tempo, processos aculturativos. Com isto, precisar a natureza das influências sofridas no comércio e codificá-las vai se tornando tarefa cada vez mais difícil, embora genericamente seja possível situá-las em termos do sincretismo africano e ameríndio e suas contribuições para o conhecimento popular. É comum, ouvir dos erveiros que o conhecimento que possuem foi obtido com base na leitura de livros sobre plantas medicinais.

A lógica subjacente ao conhecimento popular que é mantido pelos vendedores de ervas, podem em alguns casos ser observada. Lógica essa relacionada às categorias cognitivas nomeadas como forma de racionalização e classificação. Relacionada a taxonomia de *folk*, observou-se o caso do “abre caminho”, representado por duas espécies, de pteridófito, *Lygodium volubile* Sw. e *Lygodium venustum* Sw., de forma a racionalizar a sua utilização, verificou-se que o vernáculo “abre caminho” nomeia uma categoria genética *Lygodium* e a adição dos vocábulos macho e fêmea como pósfixos nomeiam analogamente categorias específicas: “abre caminho macho” (*L. volubile*) e “abre caminho fêmea” (*L. venustum*). Embora tenha a mesma indicação (banhos de limpeza), estão destinadas a clientela diferentes segundo o sexo do usuário.

Tradicionalmente, os conhecimentos herdados atravessam o tempo intocáveis, apesar dos processos aculturativos. Uma verdadeira imbricação de fatores tornam-se patentes à observação mais acurada, principalmente nas influências sofridas pelo conhecimento fitoterápico, que pode ser modificado ou adaptado a diversas situações. Os vendedores de ervas partilham de uma cosmovisão comum relacionada ao mundo vegetal: é que este pode curar tanto as doenças do corpo como as do espírito. Existem aquelas plantas que são indicadas para as doenças do corpo, outras para as

doenças de concepção mística, como o “mau-olhado”. A “arruda” (*Ruta graveolens L.*) p. ex. é planta que não falta nas barracas, devido a alta procura como fitoterápico e, mais ainda, pela função mágico-religiosa que lhe é atribuída, no combate ao “olho gordo” e para os “banhos de descarrego”, muito preconizado pelos próprios vendedores. Alguns não deixam de ter um galhinho da planta atrás das orelhas. Na visão de Araújo (1979), esse tipo de utilização dá ao elemento, no caso à planta, uma função preventiva e profilática, de caráter mágico.

## **A RELAÇÃO DO MERCADO COM OS CULTOS AFRO-BRASILEIROS**

De acordo com Vogel et al. (1993), o mercado é como uma “caixa de ressonância” da comunidade que pratica os cultos afro-brasileiros, onde podem ser encontrados, além das mercadorias destinadas a suprir a necessidade ritual dos cultos, “um processo de divulgação, legitimação e controle social.” Com os erveiros que se distribuem nos mercados recifenses, pode-se obter todo o aparato vegetal necessário à concretização dos ritos, bem como as plantas consignadas pelos “chefes de cultos” às pessoas que os procuraram para solucionar seus problemas sentimentais, financeiros e espirituais. Desse modo, as plantas necessárias aos banhos em seus diversos tipos, os amacis, os defumadores, as beberagens, entre outros, têm seu lugar garantido nas prateleiras e nas barracas dos erveiros. A disponibilidade desse material, aliado a um natural processo de sazonalidade, vinculado à disponibilidade no campo ou a encomenda das plantas pouco usuais, caracterizam o comércio fitoterápico e mágico-religioso. Para Vogel et al (1993):

Há de um tudo nesse arsenal fitoterápico que a medicina popular conheceu e utilizou sempre, sem pretender separar os seus elementos das referências mágico-religiosas que serviram para desacreditá-los, quando do avanço do saber terapêutico moderno (p. 11).

Há contudo um evidente processo que caracteriza esse comércio, a descentralização do conhecimento ritual e medicinal das plantas. Alguns informantes, erveiros e comerciantes, indicam plantas para banhos, sugerem alterações e substituições nas receitas trazidas pelas pessoas, quando não é disponível a planta desejada. Esse saber também se encontra disseminado entre os mateiros e vendedores de ervas que podem possuir ou não vínculos iniciáticos, como enfatiza Barros (1983). Por outro lado, também é marcante entre alguns vendedores de ervas o descaso e a falta de honestidade nos seus

aconselhamentos, como alertaram alguns informantes. De fato, em numerosas ocasiões nos trabalhos de campo, alguns vendedores ofereceram outra planta em lugar da solicitada. A exemplo, ofereceram o “bem-me-quer” (*Wedelia trilobata* (L.) Hitch) quando na verdade lhes era solicitado o “aripepeu” (*Melampodium divaricatum* (Ritch) DC.), que, embora pertençam a mesma família botânica, não se confundem. Assim sendo, é provável que algumas pessoas utilizam plantas que não aquelas pretendidas. Esses tipos de vendedores, recebem dos adeptos dos cultos o desprezo e são proclamados como desonestos.

Existem, naturalmente, aqueles vendedores de ervas que gozam de prestígio e de boa reputação nas casas de cultos afro-brasileiros, por contarem com variado sortimento de material de uso nos rituais e grande variedade de plantas. No bairro de Água Fria (Recife), a loja do Vavá foi sempre citada pelos informantes como ponto de referência para qualquer receituário indicado, qualquer lista de obrigação. Vez ou outra observam-se neófitos desfilarem com consideráveis listas onde são encontrados desde imagens de santos católicos até as plantas necessárias ao intento que, em alguns casos, é a razão de ser das compras. O que faz um usuário preferir esse ou aquele vendedor de ervas é a sua honestidade, o seu sortimento e também o conhecimento acerca do material. De certo modo, esse aspecto foi observado com raridade. Geralmente, o número de vendedores de ervas suplanta os vendedores-erveiros (aqueles que além de venderem conhecem o que vendem), sendo que os primeiros são refratários ao apelo religioso, não obstante colaborarem para mantê-lo Barros (1983) comenta a respeito:

As condições atuais tornam os erveiros e mateiros impermeáveis ao apelo de uma vinculação a uma determinada Casa de Santo. Pois dizem, lhes acarretaria prejuízos materiais, impedindo-os de vender mercadorias e prestar serviços a um mercado mais amplo, segundo seu entender. Esta inserção no modelo econômico da sociedade abrangente modificou os quadros da organização social dos terreiros ficando remanescentes, entretanto, os conhecimentos advindos destas comunidades, porém de forma não iniciática; as categorias imanentes a esta visão de mundo permanecem vivas, já que os mateiros e erveiros compartilham desta mesma cosmovisão (p. 82).

Nesse sentido, o mercado compartilha do universo religioso, articulando-se as relações etnobotânicas como peça também fundamental e mantenedora de um complexo sistema fitoterápico e mágico-religioso ligado ao mundo vegetal.

TABELA 1: Plantas comercializadas nos mercados públicos do Recife-PE

FAMÍLIA/ESPÉCIE	NOME VULGAR	ESTADO DE COMERCIALIZAÇÃO	PROCEDÊNCIA FITO-GEOGRÁFICA	USO MEDICINAL	USO MÁGICO-RELIGIOSO
ACANTHACEAE <i>Justicia gendarussa</i> Burm. <i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Erva-santa chambá	F S	ZM e AG ZM e AG	* *	* -
AMARANTHACEAE <i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Peders.	Acônito Arcônito	F S	ZM	*	-
ANACARDIACEAE <i>Schinus terebinthifolius</i> Radd. <i>Astronium Urundeuva</i> Engl.	aroeira aroeira	S S	ZM AG e ST	* *	- -
ASTERACEAE <i>Artemisia vulgaris</i> L. <i>Acanthospermum hispidum</i> DC <i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronq <i>Melampodium divaricatum</i> DC	losna espinho de cigano rabo de raposa ori de Oxum, botão de ouro, aripepeu	F S S S F	ZM e AG ZM e AG ZM e AG ZM e AG	* * * *	- * - *
<i>Wedelia trilobata</i> (L.) Hitch <i>Tagetes Patula</i> L.	Bem-me-quer, Mal-me-quer Cravo-de- defunto	F	ZM	*	*
BEGONIACEAE <i>Begonia huberi</i> DC	Caapeba	F S	ZM e AG	*	*
BIGNONIACEA <i>Tabebuia avellanedae</i> Lor. Et Gris	Pau d'arco roxo	S	ZM e SR	*	-
CAESALPINIACEAE <i>Cassia occidentalis</i> L.	Manjerioba	F	ZM e AG	*	*
CAPPARACEAE <i>Cleome spinosa</i> L.	Mussambê	F S	ZM	*	-
CAPRIFOLIACEAE <i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro, sabugo	F	ZM e AG	*	-
CARYOPHYLLACEAE <i>Dianthus Caryophyllus</i> L.	Cravo branco	F	ZM e AG	*	*

CHENOPODIACEAE <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz mastruço	F	ZM e AG	*	-
CLUSIACEAE <i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	lacre, pau lacre	F, S	ZM	+	+
CONVOLVULACEAE <i>Ipomoea asarifolia</i> Roem & Schult.	Salsa	F	ZM	+	-
CRASSULACEAE <i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb. <i>Bryophyllum calicinum</i> salisb.	Corona branca coirama, corona	F F	ZM ZM	+	+
CRUCIFERAE <i>Rorippa pumila</i> (Camb.)A. Lima	Agrião	F, S	AG	+	+
CUCURBITACEAE <i>Momordica Charantia</i> L.	Melão de São caetano	F, S	ZM e AG	+	+
EUPHORBIACEAE <i>Cnidioscolus urens</i> (L.) Arthur <i>Jatropha Gossypifolia</i> L. <i>Phyllanthus niruri</i> L. <i>Ricinus communis</i> L.	Úrtiga br. Pinhão roxo Quebra-pedra Carrapateira	S F S S	AG e ST ZM ZM e AG ZM	+	- + + +
LAMIACEAE <i>Aeolanthus suaveolens</i> G. Don <i>Lavandula Spica</i> L. <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) <i>Ocimum basilicum</i> L. <i>O. americanum</i> L. <i>O. gratissimum</i> L.  <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Macassá Alfazema Hortelã da fl. gráuda Manjerição Manjerona Alfaca de caboclo Alecrim	F F, S F F F F F	AG AG ZM e AG AG AG ZM e AG AG	+	+
MALVACEAE <i>Sida cordifolia</i> L.	Malvabranca	F, S	AG e ST	+	+
PHYTOLACCACEAE <i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipim	F	ZM e AG	+	+
PIPERACEAE <i>Piper marginatum</i> Jacq	Malvaisco	F	ZM	+	+
PLANTAGINACEAE <i>Plantago major</i> L.	Trançagem Tachagem	F	ZM e AG	+	-
PUNICACEAE <i>Pinica granatum</i> L.	Romã	F	ZM	+	-
RUBIACEAE <i>Borreria verticillata</i> (L.) G.F.W. Mey	Vassourinha de botão	F, S	ZM e AG	+	+

RUTACEAE <i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	F	ZM e AG	+	+
SCHIZAEACEAE <i>Lygodium volubile</i> Sw <i>L. venustum</i> Sw.	Abre-caminho Abre-caminho	F, S F, S	ZM ZM	- -	+ +
SCROPHULARIACEAE <i>Scoparia dulcis</i> L.	Vasourinha-de-benzer	F	ZM e AG	+	+
TURNERACEAE <i>Turnera ulmifolia</i> L.	Chanana	S	ZM	+	-
VERBENACEAE <i>Vitex agnus-castus</i> L.	Liamba	F	ZM	-	+
ZINGIBERACEAE <i>Alpinia speciosa</i> Schum.	Colônia	F	ZM	+	+

## ABREVIATURAS:

F = FRESCA

S = SECA

AG = AGRESTE

SR = SERRA

ST = SERTÃO

ZM = ZONA DA MATA

## AGRADECIMENTOS

O autor agradece a Dra. Laíse de Holanda Cavalcante Andrade, do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Pernambuco, pelas críticas e sugestões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A.M. *Medicina rústica*. 3 ed. São Paulo : Ed. Nacional, 1979. 301 p. (Coleção Brasileira, 300).

BARROS, J. F. P de. *Ewé o osányin: sistema de classificação dos vegetais nas casas de santo jêje- nagô de Salvador - Bahia*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: Faculdade de filosofia, Letra e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1983. 192 p.

- CAMARGO, M. T. L. de A. *Garrafada*. Rio de Janeiro: MEC / Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1976. 40 p. (Cadernos de Folclore, 8).
- CAMPELO, C. R. Plantas Medicinais de Pernambuco II. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 35., 1984, Manaus. *Anais...*, Brasília : IBAMA, 1990, p. 60-66. 446 p.
- MARIZ, G.; LIRA, O. C. de; ANDRADE, L. de H. C.; PIRES, M. das G. de M. & SILVA, S. I. da. Plantas utilizadas para cura de doenças na cidade do Recife - PE. In: Parry Scott (Org.) . *Sistemas de cura: as alternativas do povo*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado em Antropologia, 1986. 236p. p. 158-176.
- SILVA, S. I. da. *Considerações taxonômicas sobre plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Vasco da Gama, Recife - PE*. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1985, 105 p.
- VICTOR, P. & ANDRADE, L. de H. C. *Flora Medicinal: estudo comparativo entre dois municípios de Pernambuco*. *Biológica brasileira*, 3 (2) : 179-200. 1991
- VOGEL, A.; MELLO, M. A. da S. & BARROS, I. F. P. de. *A galinha d'angola: iniciação e identidade na cultura – brasileira*. Rio de Janeiro: PALLAS/FLACSO/EDUFF, 1993. 228 P.

